

Apresentação

É com grande satisfação que lançamos o número 2, volume 24/2011 da Revista Cadernos de Pesquisa do CDHIS e apresentamos o Dossiê “*Cultura e Política no Brasil República: entre práticas e representações*”, que reúne trabalhos cujas temáticas refletem sobre práticas e representações nos âmbitos da cultura e da política, num recorte cronológico que tem como marco a proclamação da República e se estende até os primeiros anos do século XXI, compondo diferentes olhares e oferecendo abordagens e diálogos interdisciplinares sobre o nosso período republicano.

Analisar criticamente os projetos e práticas políticas e culturais em disputa no processo de conformação da identidade nacional, examinar os discursos hegemônicos e contra-hegemônicos dos grupos sociais atuantes bem como identificar os processos através dos quais a memória foi sendo construída e o esquecimento forjado, são questões que permeiam os artigos que compõem o presente Dossiê. Nesse sentido, não poderia ser mais significativa a escolha das imagens que figuram a capa deste número: generosamente cedidas pelo talentoso artista Carlos Latuff, elas constituem representações críticas de partes da trama que compõem as diferentes memórias que marcam as histórias da nossa República.

A seção Arquivo, Documento e Memória traz duas importantes contribuições para a análise das práticas e das representações do trabalho em arquivos e museus: enquanto Annelise Simari Carreira e Sibeli Oliveira de Almeida, capitaneadas por Maria Elizabeth R. Carneiro refletem sobre políticas de planejamento, práticas historiográficas e diretrizes para o desenvolvimento institucional do Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS/INHIS/UFU), concebendo-o como um importante “lugar de memória” no artigo *Pensar, pesquisar, intervir: políticas, planejamento e práticas historiográficas no CDHIS*; Caroline Fernandes Silva e Moema de Bacelar Alves em *Da pinacoteca ao museu: formas de olhar e consagração política no Pará*, problematizam o processo de formação do acervo da Pinacoteca Municipal do Museu de Arte de Belém (MABE) e discutem as estratégias de consagração da figura política de Antônio José de Lemos.

Na seção Dossiê, questões sobre a produção do conhecimento histórico e da memória em torno da música popular no Brasil, assim como a invenção de sua narrativa, são tratadas por José Geraldo Vinci de Moraes em artigo intitulado *Edigar de Alencar e a escrita histórica da música popular*, cuja principal fonte é o jornalista e cronista Edigar de Alencar (1901-1993). Em *Carnaval x Entrudo: formas de regrear o carnaval no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX*, Fabiana Lopes da Cunha examina as tentativas das autoridades do Rio de Janeiro de regrear os festejos carnavalescos e disciplinar os foliões, revelando as tensões presentes nas

relações entre os valores que configuravam o projeto de república que se queria implementar e as práticas culturais que animavam as ruas da capital federal na mesma época.

A preocupação em dotar o país de uma cultura nacional e o uso da cultura popular folclórica como instrumento a ser usado pelos chamados “homens de letras” nessa missão, é o que Flávia Guia Carnevalli trata em seu artigo, *Música popular, memória e história em Alexina de Magalhães Pinto*, que analisa o trabalho da folclorista mineira Alexina de Magalhães Pinto (1870-1921) junto às cantigas infantis populares, publicadas em 1916, em seu livro *Cantigas das crianças e do povo e danças populares*.

Interpretar as relações de poder no interior de uma comunidade política é a proposta de Ricardo de Aguiar Pacheco, em *Da inscrição eleitoral à distribuição de chapas: as estratégias de arregimentação eleitoral nos anos vinte*, onde aborda as estratégias e práticas de arregimentação eleitoral na década de 1920, na cidade de Porto Alegre.

A tensa relação no cenário político entre o movimento integralista e a constituição do Estado Novo vista a partir da grande imprensa no período de 1937 a 1945, especialmente das representações sobre o Integralismo que marcaram a memória social, é discutida por Rogério Lustosa Victor no artigo *A pesca do pirarucu: o Integralismo e o seu lugar na memória social construída durante o Estado Novo*. O Estado Novo ainda é abordado sob o ponto de vista de suas políticas trabalhistas no artigo *Mulheres operárias e luta jurídica pela proteção à maternidade em comarcas do Recôncavo baiano (1943-1949)*, de Edinaldo Antonio Oliveira Souza, que a partir de quatro processos trabalhistas movimentados nas comarcas de Cachoeira e de Nazaré, no Recôncavo baiano, entre 1943 e 1949, avalia a dinâmica das relações de trabalho, da cultura e da cidadania da mulher operária daquele período.

As práticas sociais da elite rio-grandina e as representações que a legitimavam como um grupo de poder dentro da sociedade são analisadas por Marina Krüger Pelissari em *As elites no jornal: práticas sociais e representações na crônica 'Flash Social' (jornal Rio Grande – 1956-1957)* a partir da abordagem da crônica jornalística. O resgate de um momento particular da história da república brasileira sob o olhar dos artistas e intelectuais cepecistas que buscaram politizar a sociedade por meio do teatro é a proposta de Carla Michele Ramos Torres em seu artigo *Arte e política no teatro cepecista*.

Em *Anarquismo, contracultura e imprensa alternativa no Brasil: a história que brota das margens*, João Henrique de Castro Oliveira, privilegiando como fontes os jornais publicados por grupos sociais do campo das esquerdas no Brasil, entre 1969 e 1992, avalia como o anarquismo foi ressignificado no contexto dos anos de 1960/70/80 no Brasil e discute algumas influências deixadas para os movimentos sociais contemporâneos.

Ana Paula da Silva, em *A coordenação política e a cooperação estratégica na área nuclear entre Brasil e Argentina: a criação do Sistema de Contabilidade e Controle de Materiais Nucleares e a implantação e funcionamento da Agência Brasileiro-Argentina de Contabilidade e Controle de Materiais Nucleares (1991-1997)*, traz importante contribuição para a área de estudos da política de Estado brasileira, aborda a coordenação política, a cooperação e o alinhamento estratégico entre Brasil e Argentina, analisando detalhadamente a construção da confiança mútua na área nuclear entre os dois países.

Os caminhos trilhados pela imprensa negra recifense da década de 1980 a 2007, concebida como prática discursiva e exercício de atuação do Movimento Negro na cidade do Recife são tratados no artigo de Martha Rosa Figueira Queiroz, *Do Angola ao Djumbay: imprensa negra recifense*, que busca descortinar, entre práticas e representações, as estratégias empreendidas pela comunidade negra no enfrentamento ao racismo.

A seção Artigos conta com uma contribuição especial. Trata-se do texto de Juan Andrés Bresciano, professor da Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Instituto de Ciencias Históricas, Departamento de Historiología da Universidad de la República, Uruguai, intitulado *Los enfoques comparatistas y el estudio de la revolución hispanoamericana: algunas discusiones actuales*, que a partir da análise de representativa e recente produção historiográfica, que aborda de forma comparativa a revolução hispanoamericana e outros processos revolucionários que afetam o mundo atlântico, trata das relações entre a emancipação hispanoamericana e outras revoluções, tocando em aspectos como a sobrevivência de estruturas coloniais nos Estados pós-revolucionários, as crises e a luta armada.

A História Ambiental se faz presente no artigo *Os Annales e a História Ambiental: das ruas de Paris à História Nova*, de Eduardo Giavara, que empreende uma reflexão em torno da gênese da história ambiental e da articulação dos temas história e natureza pelos *Annales*, o que proporcionou a inserção da escola francesa no debate contemporâneo da crise ambiental.

Em artigo intitulado *Feitiçaria no Arcebispado de Braga: denúncias a Ana do Frade à Visitação Inquisitorial de 1565*, Juliana Torres Rodrigues Pereira faz uma instigante análise dos rituais descritos no Livro da Visitação, produzido a partir da visita inquisitorial feita ao Arcebispado de Braga em 1565, e do processo que resultou na culpabilização de Ana do Frade, pelo Tribunal de Coimbra. Juliana Muylert Mager traz o cinema para a Revista: em seu artigo *Jogo de cena: memória(s), narrativa(s) e testemunho(s)*, faz uma análise das relações entre cinema e história a partir de conceitos como testemunho, memória e narrativa, tendo como ponto de partida o documentário *Jogo de cena* (2007), do diretor brasileiro Eduardo Coutinho.

A seção Resenha traz o texto de Roberto Pereira Silva sobre o instigante livro de Boris Fausto, *O crime do restaurante chinês: carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 30*, que busca reconstituir o cotidiano da cidade de São Paulo, lançando luz sobre temas como o funcionamento do aparelho policial e judiciário, o racismo, e a discussão da natureza da criminalidade.

Carla Miucci Ferraresi de Barros
Paulo Sérgio da Silva